

OBRAS DE SEBASTIÃO DA GAMA

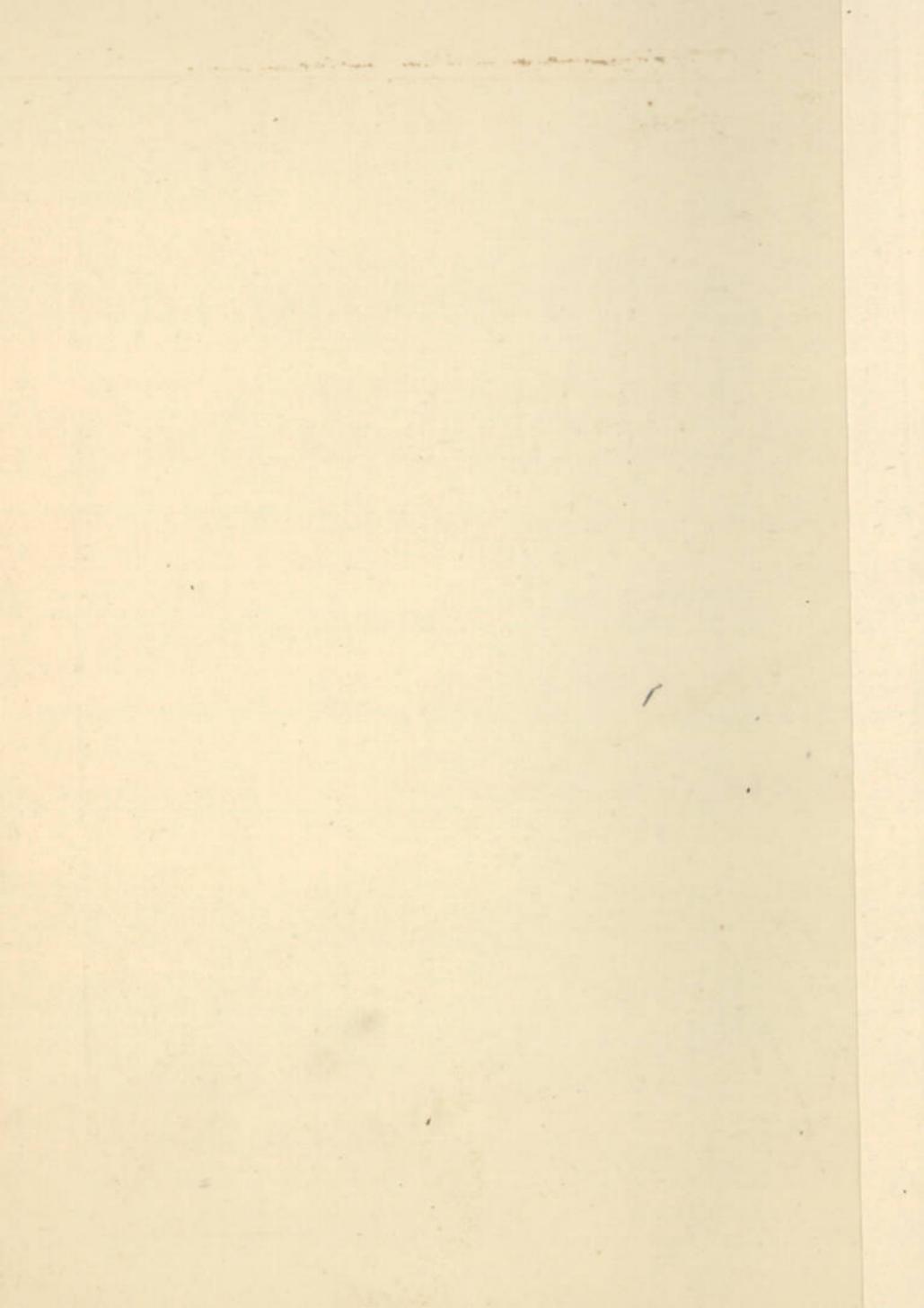
★ ★ ★

# CABO DA BOA ESPERANÇA



---

COLECÇÃO POESIA ● EDIÇÕES ATICA







A I COLHCAO PESSIA L O C

OMES COMPLETOS DE YUNKAWO PESSIA

- I - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- II - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- III - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- IV - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- V - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- VI - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- VII - FORTES DE YUNKAWO PESSIA
- VIII - FORTES DE YUNKAWO PESSIA

OMES COMPLETOS DE YUNKAWO PESSIA

# CABO DA BOA ESPERANÇA

OMES COMPLETOS DE YUNKAWO PESSIA

I - YUNKAWO PESSIA

OMES COMPLETOS DE YUNKAWO PESSIA

(See below)

I - YUNKAWO PESSIA

II - YUNKAWO PESSIA

OMES DE YUNKAWO PESSIA

YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA  
 DIA DO MAH DE YUNKAWO PESSIA  
 YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA  
 DIA DO MAH DE YUNKAWO PESSIA  
 YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA  
 DIA DO MAH DE YUNKAWO PESSIA  
 YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA  
 DIA DO MAH DE YUNKAWO PESSIA  
 YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA  
 DIA DO MAH DE YUNKAWO PESSIA

OMES COMPLETOS DE YUNKAWO PESSIA

YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA

YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA

YUNKAWO PESSIA DE YUNKAWO PESSIA

# COLECCÃO POESIA

## OBRAS COMPLETAS DE FERNANDO PESSOA

- I — POESIAS de *Fernando Pessoa*.
- II — POESIAS de *Alvaro de Campos*.
- III — POESIAS de *Alberto Caeiro*.
- IV — ODES de *Ricardo Reis*.
- V — MENSAGEM DE FERNANDO PESSOA.
- VI — POEMAS DRAMÁTICOS DE FERNANDO PESSOA.
- VII — POESIAS INÉDITAS (1930-1935) de *Fernando Pessoa*.
- VIII — POESIAS INÉDITAS (1919-1930) de *Fernando Pessoa*.

## OBRAS COMPLETAS DE MARIO DE SA-CARNEIRO

- I — A CONFISSÃO DE LÚCIO.
- II — POESIAS.
- III — CARTAS A FERNANDO PESSOA (Vol. I).
- IV — » » » » (Vol. II).

## OBRAS COMPLETAS DE CARLOS QUEIRÓS

(Em publicação)

- I — DESAPARECIDO e OUTROS POEMAS.

## OBRAS COMPLETAS DE SEBASTIAO DA GAMA

(Em publicação)

- I — SERRA MÃE.
- II — DIÁRIO.
- III — CABO DA BOA ESPERANÇA.

## OBRAS DE OUTROS AUTORES

- POESIA de *Sofia Melo Breyner Andersen*.
- DIA DO MAR de *Sofia Melo Breyner Andersen*.
- POESIAS de *António Patrício*.
- ÓDIO E AMOR de *António Boto*.
- O LIVRO DE CESARIO VERDE.
- CLÉPSIDRA de *Camilo Pessanha*.
- NEM TODA A NOITE A VIDA de *Vitorino Nemésio*.
- A SECRETA VIAGEM de *David Mourão Ferreira*.
- AINDA NÃO SE ESCREVEU de *António Boto*.

## OUTRAS OBRAS DE POESIA EDITADAS PELA ÁTICA

- POEMAS INÉDITOS DESTINADOS AO N.º 3 DO «ORPHEU» de *Fernando Pessoa*.
- A ILHA E O MAR de *Manuel Paço d'Arcos*.
- ESPELHO CEGO, de *Salette Tavares*.
- ESTRELA DA TARDE de *Maria de Carvalho*.
- MUITO MAIS LONGE de *Francisco de Sousa Neves*.

COLECÇÃO «POESIA»

*fundada por*

**LUIZ DE MONTALVOR**

CABO DA BOA  
ESPERANÇA



EDIÇÕES ATICA

1977

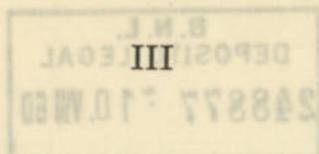
1977

**DIE POESIE IST DAS ECHT ABSOLUT REELE. DIES IST DER KERN MEINER PHILOSOPHIE. JE POETISCHER, JE WAHRER.**

**A POESIA É O AUTÊNTICO REAL ABSOLUTO. ISTO É O CERNE DA MINHA FILOSOFIA. QUANTO MAIS POÉTICO, MAIS VERDADEIRO.**

NOVALIS

OBRAS DE SEBASTIÃO DA GAMA



# CABO DA BOA ESPERANÇA



*A meu Pai,  
ao Jorge Alexandre  
e ao Manuel*

EDIÇÕES ÁTICA

LISBOA

1959

50876  
le

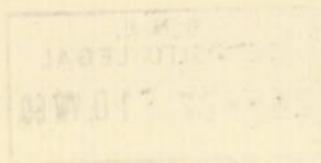
THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
50876

B. N. L.  
DEPOSITO LEGAL  
248877 10.VIII.60

CABO DA BOA  
ESPERANÇA



EDIÇÕES ATICA  
LISBOA  
1959



## EPIGRAFE

*A meus Pais,  
ao Jorge Alexandre  
e ao Manel*



## EPÍGRAFE

Que me importa, meus versos, que vos tenham  
(e eu vos tenho também) por chaves falsas,  
se vós me abris as portas verdadeiras?



CABO DA BOA  
-ESPERANÇA

Que me importa, meus versos, que vos tomem  
(e eu vos tome também) por chaves falsas,  
se vós me abris as portas verdadeiras?



# CABO DA BOA ESPERANÇA

— Mas as coisas que nascem  
nascem outra vez...

Mas pela arborescência  
crescem as cigarras...

Mas apenas agora  
traz no ventre um filho...

Mas das folhas secas  
que há pelo Outono

(de olhá-las a gente  
quase entristece)

Já ninguém se lembra  
quando é Primavera...



Nunca fala da Vida  
sem que entristeça...

— Mas as flores que morrem  
nascem outra vez...

Mas pela ardentia  
zunem as cigarras...

Mas aquela moça  
traz no ventre um filho...

Mas das folhas secas  
que há pelo Outono

(de olhá-las a gente  
quase entristecia)

já ninguém se lembra,  
quando é Primavera...



## ALVORADA

Lento discretamente o vago insano,  
no freio de minúsculas acrobacias,  
em que todos que tinham desilusão,  
de não se que batalhas malogradas,  
pegaram covardemente nas espadas,  
dispostos a vencer ou a morrer.



Resgato e voltou a correr  
e foi correr se fôr  
à vontade.

Hoje  
mas quem tinha sido e quem não tinha,  
De todas as aldeias  
cruzes, castelos, as igrejas  
cruzes na bilha.  
E eu fui lá, contando as águas...

Contava as cruces, as igrejas,  
Era um castelo, Jacinto,  
chale de Sol.

Hoje a noite da noite  
mas a noite da noite

Hoje a noite da noite  
mas a noite da noite

**L**embro discretamente o vago instante,  
no fundo da minh'alma acontecido,  
em que todos que tinham desistido,  
de não sei que batalhas malogradas,  
pegaram novamente nas espadas,  
dispostos a vencer ou a morrer...

## AS FONTES

**H**avia fontes na montanha.  
Mas estavam fechadas.  
Ignoradas,  
beijavam só as veias da montanha.

Ora um dia  
não sei que vento passou  
que me ensinou  
aquelas fontes que havia.

Eu tinha mãos e mocidade;  
só não sabia p'ra quê.  
Fez-se nesse momento claridade.

Rasguei o ventre dos montes  
e fiz correr as fontes  
à vontade.

Então  
veio quem tinha sede e quem não tinha.  
De todas as aldeias  
vieram, cantando, as moças  
encher as bilhas.  
E eu fui também cantando ao som das águas...

Cantava as minhas mãos, cantava as fontes.  
Era um canto jucundo,  
cheio de Sol.  
Mas a meio da nota mais alegre  
muita vez uma lágrima nascia.

(Ai quantos, quantos,  
minha canção tornava mais conscientes  
da sua melancolia  
sem remédio!  
Ai os que já perderam a coragem  
de reclamar a sua conta de água!  
Ai a mágoa  
que lhes era meu hino!  
Ai o insulto desumano  
à sua melancolia!)

Era a meio do canto que surgia  
seu travo amargo...

Mas, a meu lado, as águas  
iam matando a sede de quem vinha...

Pus de parte a modéstia e o pudor  
e fui contando à Vida  
tudo que tinha sido a minha vida.  
Não ocultei sequer um pormenor.

Ora foi depois desta confissão  
que ela se me reu nua, sem disfarces,  
como se eu fora o seu primeiro homem...

## CANÇÃO INÚTIL

Nunca o Mar me quis ter nas suas ondas  
enrolado e perdido.  
Sou o Poeta das manhãs fecundas:  
vivo me quer o Mar, para cantá-las.

Ó Mar, onde se acaba  
tudo que é vão!  
Ó Mar feito do nada dos regatos  
e dos rios efémeros!  
Saibam minhas manhãs a maresia!  
Haja ranger de cordas de navios  
e searas de limos e de peixes,  
haja a violência harmónica das ondas  
nas manhãs que dão cor aos meus poemas!

Tudo fala verdade ao pé do Mar.  
Mesmo as nuvens são velas que se rompem,  
castigadas de um Sol que é vento puro  
e que tem o direito de passar.  
Andam gaivotas tontas à deriva  
(acenos da ternura da Manhã...)  
Tinem, nos estaleiros, marteladas.  
E os motores monótonos, os gritos  
dos homens e das aves, o inquieto  
verbo do Mar, nas rochas espalmado  
a todos os minutos, desde há séculos,  
tudo revela a esplêndida verdade  
de ao pé do Mar, em tudo que é do Mar,  
a Vida estar desperta.

É o ar da Manhã, hálito alegre  
do Mar, que enfuna as velas orgulhosas  
desta canção poético-marítima.  
Religiosamente aqui desfilio  
meu rosário de vagas.  
Canção inútil!  
Clarim que anunciou a Madrugada  
depois de a Madrugada ter florido...

## LARGADA

**A**i a tão rara, fugitiva,  
certeza de vencer!...  
Não me falem de Esperança! Quero é esta  
decisão nas palavras e nos passos.

Navios, verdes de limos nas amarras, arrancai  
do cais de meus sentidos!  
Em mim não haja agora nem um gesto.  
que não seja bandeira desfraldada  
ou vela de navio.

Meus mais longínquos pensamentos,  
meus sentimentos mais receosos,  
soltem-se ao claro Sol desta certeza.  
Vinquem de Acção e Vida o ar da Noite.

Ao Mar!, ao Mar!,  
com um peso de ferro atado aos pés,  
o cadáver já podre  
de meus desânimos inglórios!

E eu, verdadeiro, surja,  
sorrindo a todo o vão desaire.  
Rasguem velas, os mastros estilhacem,  
quantos ventos vierem.  
Verdadeiro por fim, cá vou.  
Nem um momento só,  
largo das mãos meu leme de certeza.

— Ah!, conquistado a golpes de coragem!,  
ah!, ganho como prémio o que é bem meu  
por direitos legítimos de Moço!

## DEFESA

O Sol é meu e dos meninos ricos...

— Triste de quem não vê florir as rosas!  
Triste de a quem somente foram dadas  
ruas sombrias, lôbregos desvãos!

Ah!, mas não tenho a culpa. Sou moreno,  
sou forte, porque o Sol me quer assim.  
Digam ao Sol, se entendem, que se esconda:  
não me peçam a mim que esconda as mãos,  
nem que neguem meus olhos e meus lábios  
o milagre de o Sol gostar de mim!

## CANÇÃO DE GUERRA

**A**os fracos e aos covardes  
não lhes darei lugar  
dentro dos meus poemas.  
Covarde já eu sou.  
Fraco, já o sou demais,  
e se entre fracos for  
me perderei também.

Quero é gente animosa  
que olhe de frente a Vida,  
que faça medo à Morte.  
Com esses quero ir,  
a ver se me convenço  
de que também sou forte.  
Quero vencer os medos...  
Vencer-me — que sou poço  
de estúpidos terrores,  
de feminis fraquezas.

Rir-me das sombras, rir-me  
das velhas ondas bravas,  
rir-me do meu temor  
do que há-de acontecer.

Venham comigo os fortes...  
Façam-me ter vergonha  
das minhas covardias.  
E de seus actos façam  
(seus actos destemidos)  
chicotes p'ros meus nervos.  
Ganhe o meu sangue a cor  
das tardes das batalhas.  
E eu vá — rasgue as cortinas  
que velam o Porvir.  
Vá — jovem, confiado,  
cumprindo o meu destino  
de não ficar parado.

## O SEGREDO É AMAR

Fosse mais bela a Vida e mais sincera...  
Como eu lhe quero, mesmo assim!  
Tanto lhe dei de mim  
que já é menos acre do que fora.

Ah!, bem parece que o Amor melhora  
quanto a graça de Deus não fez bonito.  
Há lá coisa mais linda do que um grito  
quando foi o Amor que o pôs cá fora!...

Deixa ser o meu gesto uma grinalda  
nos teus cabelos, Vida!  
Deixa que o meu olhar enflorê teus olhos.

Adeus, adeus teus dedos ásperos!  
Adeus teu rictus doloroso!  
— Vida, quem é a minha namorada?

## RELATÓRIO

### 1

Vou pelo Mar e levo enclavinados  
os dedos num pedaço de madeira.  
É da quilha, dos remos, ou do mastro?  
Seja de aonde seja, se me ensina  
que não desisto ainda de ir no Mar...

O' glória de saber que o Mar termina  
 onde a minha coragem se acabar,  
 a ti dou quanto é meu!  
 Glória de por meus nervos garantir  
 o direito de escarnecer da Morte  
 quando a Morte julgar que me venceu!

## CANÇÃO DO VENTO NORTE

Vento Norte!,  
Vento Norte!  
Não quero já outro berço  
que o Vento Norte!

O que estilhaça os navios  
e enche de pranto os rosais;  
me traz notícias de crimes  
e faz tremer como vimes  
os meus lábios...

Não mais a vida pacata,  
sentadinha, sentadinha,  
que não é vida nem é nada.

Que me doa, mas que eu viva!  
Que importa os gritos que der,  
se bem maiores os deu  
minha Mãe, p'ra me parir?

Vem-me embalar, Vento Norte!,  
nem que me quebres o berço.  
Vamos os dois por i fora  
pregar partidas aos lagos.  
Minhas horas descansadas,  
minhas horas morrinhentas,  
só vividas  
no mostrador do relógio,  
eu vos renego e acuso  
por crime de alta traição  
contra a minha mocidade.

Agora, que venha o Vento  
apagar vossa lembrança!

O Vento Norte...

O que desfolha os rosais  
e põe barcos em frangalhos  
e rasga os nossos cabelos  
como a bandeiras de Guerra,  
mas varre as nuvens

para a gente ver o Sol  
e segreda a meus ouvidos  
coisas de tanta verdade  
que já não creio que o Vento  
não seja da minha idade...

## CARAVELA PERDIDA

Não sabe já, perdida caravela,  
não sabe a minha voz o que demanda.  
(Será talvez seu rumo andar perdida...)  
Ainda bem, que assim não chega nunca:  
a virgem ansiedade da partida  
lhe anima a toda a hora a vela panda.

Chegar? P'ra quê, se era descer as velas  
e era baixar o ferro, era parar?...  
Antes errar, inciente de que lado  
ficam agora as águas percorridas  
e de que lado o Mar por navegar.

Caravela perdida, minha voz,  
eia!, retumba o ar de teus acentos!  
Pinta com tua cor todos os ventos!  
Rompe!, vibra!, estremece! — Ah minha voz!,  
e não quebres o ritmo, e não intentes  
perguntar por que cantas, porque cantas.

## MOCIDADE

*(Mocidade não tem crimes.  
O que tem é coração!)*

PEDRO HOMEM DE MELLO)

Quem teve dó do ladrão,  
além de aquela menina,  
além de aquele Poeta?  
Quem teve compreensão?

Pobres dos homens que o guardam!  
Nos olhos dele, descidos,  
não sabem ver senão medo.  
Não sabem ver senão medo  
nos braços dele, caídos.

Há numa jarra, na sala  
em que o guardam à vista,  
três cravos como três sóis:  
nem os cravos têm pena.

E vão prendê-lo... (Que importa  
que tenha vinte e dois anos?)  
Os homens, graves, censuram.  
Mostram-lhe o peso do crime.  
Discretamente, insinuem  
sua moral impecável,  
seu dever de homens honestos  
que os não deixa perdoar.  
E há uma quase alegria  
no modo de o censurar...

(Que seria do Poeta?,  
que seria da menina,  
se aqueles homens honestos  
notassem que entristeceram  
ao ver passar o ladrão?)

Na jarra, os cravos triunfam.  
Indiferentes, altivos,  
nada lhes fala da Morte.

(...mas a menina bem sente  
que antes que a Noite se acabe  
suas pétalas vermelhas  
hão-de pender, descoradas.

...mas o Poeta bem sabe  
que têm vinte e dois anos  
aquelas mãos algemadas).

**D**a mão de nenhum Anjo a minha vida  
se vá originando, esmola dada  
pelos deuses solícitos.  
Quero-a ter merecida, por ganhada  
com dúvidas, suores, agonias.

Acre, me será doce o fruto da Vitória,  
se tiver a raiz nas minhas mãos.  
E os cardos, que searas de alegrias,  
se a flor que altivos erguem foi regada  
por lágrimas sinceras de meus olhos.

O Anjo espere. Que aos Anjos, felizmente,  
não alveja o cabelo nem as asas  
emurhecem.

Nem sei de Anjo nenhum impaciente.  
Há-de chegar, ao Anjo meu Amigo,  
a hora de já ser da sua conta  
o que eu faço ou desfaço aqui na Terra.  
Por enquanto é comigo.

## MEU PAÍS DESGRAÇADO

**M**eu país desgraçado!...  
E no entanto há Sol a cada canto  
e não há Mar tão lindo noutro lado.  
Nem há Céu mais alegre do que o nosso,  
nem pássaros, nem águas...

Meu país desgraçado!...  
Porque fatal engano?  
Que malévolos crimes  
teus direitos de berço violaram?

Meu Povo  
de cabeça pendida, mãos caídas,  
de olhos sem fé  
— busca, dentro de ti, fora de ti, aonde  
a causa da miséria se te esconde.

E em nome dos direitos  
que te deram a terra, o Sol, o Mar,  
fere-a sem dó  
com o lume do teu antigo olhar.

Alevanta-te, Povo!  
Ah!, visses tu, nos olhos das mulheres,  
a calada censura  
que te reclama filhos mais robustos!

Povo anémico e triste,  
meu Pedro Sem sem forças, sem haveres!  
— olha a censura muda das mulheres!  
Vai-te de novo ao Mar!  
Reganha tuas barcas, tuas forças  
e o direito de amar e fecundar  
as que só por Amor te não desprezam!

## BANDEIRA ALEGRE

**V**ou fincar, içada ao alto  
como qualquer bandeira,  
vou fincar, aqui na praia,  
minha alegria verdadeira.

Agite a Brisa as suas cores.  
Dê-lhes o Sol mais vida ainda.  
Não se conheça nestes arredores  
outra bandeira tão linda.

Pode haver vendavais, ciclones, fúrias de águas  
que a praia deixem combalida:  
salva, mais alta do que as ondas, a bandeira,  
Nossa Senhora Aparecida,

dará coragem, fé, sinais de terra,  
aos que se apegam, ignorados  
heróis marítimos, aos restos  
de seus navios naufragados.

E os que p'ra sempre os olhos cerram  
hão-de ter tempo de a ver,  
minha alegria posta ao alto:  
e assim custa-lhes menos a morrer.

Não que a distingam bem: nela verão,  
enquanto a vista lhes desmaia,  
lenços de Irmãs, de Mães, de Esposas,  
que lhes acenam da praia.

2  
como quem vem da última vitória,  
Quero levar ainda os olhos verdes,  
e no extremo minuto me corou.

dará coragem, já minha, já  
aos que se espantam, ignorantes  
háreis tristes, nos testes  
de seus navios naufragados.

E os que já sempre os olhos cerram  
lá de ter tempo de a ver,  
minha alma pesa no alto;  
e assim estas luas mecos a morrer.

Não que a distância bem: nela verão,  
enquanto a vista ház de mais,

V  
longos de frotas, de Mares de Exposas,  
que ház os seus de frotas, aliás, talvez no  
certo, talvez sempre certo  
sempre no tempo certo  
talvez sempre aliás.

Agito a vida de meus cores,  
De-lhe o quê mais vida ainda.  
NÃO se acham os seus  
sua bondade de vida.

Para quem vendem, talvez, Mares de Exposas  
que  
só no extremo minuto me coroem.  
Quero levar ainda os loiros verdes,  
como quem vem da última vitória.

## MINHA ALMA ABRIU-SE...

### JANELA ABERTA

Minha alma abriu-se  
Que linda janela  
que é a minha alma!  
Não! Linda não é ela:  
Linda são as vistas  
que se avistam dela.

Que cordões tão finos  
que tem a minha alma!  
Não! Finos não:  
finos são os trastes  
que os prazeres cantam,  
meu cordão avista.



## MINHA ALMA ABRIU-SE...

Que ouvidos tão finos!  
Que linda janela!  
Quem me compra a alma?  
Quanto dá por ela?

**M**inha alma abriu-se...  
Qua linda janela  
que é a minha alma!  
Não!, linda não é ela:  
lindas são as vistas  
que se avistam dela.

Que ouvidos tão finos  
que tem a minha alma!  
Não!, finos não:  
finos são os cantos  
que os pássaros cantam,  
meus ouvidos ouvem.

Como são tão belas  
as coisas lá por fora!  
Minha alma em tudo,  
em tudo se demora.

Que ouvidos tão finos!  
Que linda janela!  
Quem me compra a alma?  
Quanto dá por ela?

## CANÇÃO DA FELICIDADE

... **P**ois à minha vida  
nada lhe faltava.  
Minha taça estava  
toda ela cheia.

Nem fazia ideia  
que pudesse haver  
mais algum prazer  
que aquele que eu tinha.

Pela manhãzinha,  
pela tarde quente,  
ninguém mais contente  
pela rua andava.

As mãos, se as fechava,  
as mãos, se as abria,  
tudo quanto havia  
tudo havia nelas.

Não pedia Estrelas,  
não pedia flores,  
não pedia amores,  
porque os tinha já.

Que de enigmas há!  
Como a Vida tem  
coisas que a ninguém  
passam p'la cabeça!

Antes que me esqueça  
deixem-me contar:  
hoje fui passear,  
manhãzinha ainda,

e vi a mais linda  
de todas as rosas:  
pétalas sedosas,  
vermelhas, brilhantes...

E eu, que tinha dantes  
quanto me bastava,  
nada me faltava  
para ser feliz,

eu, que nunca quis  
mais do que me deu  
o favor do Céu  
e o da humana gente,

fiquei tão contente  
como se essa rosa  
fosse misteriosa  
flor que eu desejasse;

como se eu andasse  
à procura dela  
por faltar só ela  
para ser feliz...

Nasci p'ra ser ignorante.  
Mas os parentes teimaram  
(e dali não arrancaram)  
em fazer de mim estudante.

Que remédio? Obedeci.  
Há já três lustros que estudo.  
Aprender, aprendi tudo,  
mas tudo desaprendi.

Perdi o nome às Estrelas,  
aos nossos rios e aos de fora.  
Confundo fauna com flora.  
Atrapalham-me as parcelas.

Mas passo dias inteiros  
a ver um rio passar.  
Com aves e ondas do Mar  
tenho amores verdadeiros.

Rebrilha sempre uma Estrela  
por sobre o meu parapeito;  
pois não sou eu que me deito  
sem ter falado com ela.

Conheço mais de mil flores.  
Elas conhecem-me a mim.  
Só não sei como em latim  
as crismaram os doutores.

No entanto sou promovido,  
mal haja lugar aberto,  
a mestre: julgam-me esperto,  
inteligente e sabido.

O pior é se um director  
espreita p'la fechadura:  
lá se vai licenciatura  
se ouve as lições do doutor.

Lá se vai o ordenado  
de tuta e meia por mês,  
Lá fico eu de uma vez  
um Poeta desempregado.

Se me não lograr o fado,  
porém, com tais directores,  
e de rios, aves e flores  
sòmente for vigiado,

enquanto as aulas correrem  
não sentirei calafrios,  
que flores, aves e rios  
ignorante é que me querem.

## MELODIA VAGA

Voz do Crepúsculo, suave,  
de onde me chamas?

Bates-me à porta, levezinho...  
(Feita de Cor que se enternece?  
Feita de flébeis meigas brisas?)

Se desço as pálpebras, melhor  
percebo o vago apelo teu  
(...que vem da Terra?  
...que vem do Céu?).  
Oíço que chamas, fecho os olhos.  
Chamas e como que me sinto  
em brandas sedas embalado.

Não sei p'ra onde vou levado  
nem de onde chamas...  
Será a Morte?

Se fosse a Morte,  
que linda morte ela me dava!...  
Baixava as pálpebras, sorria...  
Deixava as sedas afagarem  
meu corpo jovem...  
E assim, sem lágrimas, sem velas,  
e sem caixão, sem flores, sem cruz,  
só eu sabia que morria,  
mas vagamente, meigamente,  
qual uma seda a destingir-se  
ou uma síncope da Luz...

## JÁ DEUS SORRIU

Já se o Vento as roupas,  
Já se o Vento as move,  
não cabelas deixa

que se Vento semem,  
Já nem mala as Flores  
são flores do mato;  
são mãos de pastores

tactando, tactando,  
nervosa, sensuais,

Deus sorri..., Deus sorri...  
É um sorriso triste, às vezes... A uns é um  
sorriso triste...

É um sorriso alegre, a outros, de outras vezes...  
Feliz o que o puder aperceber, o sorriso de Deus.  
Fúteis, violados todos os mistérios,  
que o sorriso de Deus tudo esclarece.

Meus olhos nítidos, olhai:  
Em que mistérios creis ainda?  
Que verdades ainda vos escapam?  
Que nuvem ou que sombra vos empece,  
se o sorriso de Deus tudo esclarece  
e até à flor das nuvens e das sombras  
vai sorrindo?

## CANÇÃO MATINAL

Será a Maria?

Se fosse a Maria,

que toda noite ele me dava!

Deixava as palpebras, sorria...

Deixava as sedas afagarem

meu corpo jovem...

E assim, sem lágrimas, sem vozes,

e sem caixão, sem velas, sem cruz,

até ao mar que morria,

**V**em até à Serra,

vem passear,

vem de flor em flor,

o cheiro do Mar.

Vem contar segredos

de sereias mortas

que sòmente vivem

na sua memória.

Conta, conta, conta...

Palpitam no ar

peitos de sereias

só de ele falar.

As flores do mato  
cismam nas sereias.  
Já, se o Vento as move,  
são cabelos delas

que no Vento sentem.  
Já nem mais as flores  
são flores do mato:  
são mãos de pastores

tacteando, tacteando,  
nervosas, sensuais,  
seios de sereia  
gémeos dos corais.

Quem os vê  
que trilam trilam na escuridão,  
há-de julgar que os grilos  
têm razão.

Enchem a Noite de trilas.  
Nem sei que absurda causa os leva  
a serem mais presentes e reais  
do que o perfume da escura.

Quando as mãos carinhosas de outro sol  
Cantam, suspiram, anelam, a alturas  
do seu corpo agreste, enfiadas no ar,  
Não há mais que o vento, e os grilos  
há-de ser só, a Noite  
e o vento sem almas, e os grilos

## ARVORES NUAS

quando as mãos  
já se o vento as move,  
e os cabelos delas

que no vento seletam,  
já nem mais as flores  
são flores do mato;  
são mãos de pastores

tacitando, tacitando,  
hermosas, serenas,

Vem contar segredos  
de mãos de serena  
e mãos de serena

que já se o vento  
e os cabelos delas

que já se o vento  
e os cabelos delas

Vem contar segredos  
de mãos de serena  
e mãos de serena

que já se o vento  
e os cabelos delas

que já se o vento  
e os cabelos delas

Quando as mãos carinhosas de outro sol  
seu corpo agreste enfeitem novamente,  
que será já dos ventos que as despiram?

Pobres ventos sem alma que as despiram!

Que é das Fadas a Noite?

Que é dos sonhos que a gente

sonha, mesmo acordados,

se porque a Noite nos presente?

Que é das vengas nascidas

quando as brisas da Noite nos embalam?

(Canta-se o Poeta à noite, com os grilos...

Mas eles não se vão!)

Quem os ouvir, os grilos  
que trilam trilam na escuridão,  
há-de julgar que os grilos  
têm razão.

Enchem a Noite de trilos.  
Nem sei que absurda causa os leva  
a serem mais presentes e reais  
do que o perfume da esteva.

Cantam. De quanto é bom me alheiam.  
Não há Estrelas, nem rouxinóis, nem nada:  
há eles só, riscando a Noite  
com sua voz encarnada.

Que é das Fadas que vêm com a Noite?  
Que é dos sonhos que a gente  
sonha, mesmo acordados,  
só porque a Noite nos pressente?

Que é dos versos nascidos  
quando as brisas da Noite nos embalam?

(Zanga-se o Poeta, à noite, com os grilos...

Mas eles não se ralam).

## OS BACOS

D antes eram livres.  
Agora, spermados,  
pastam pelos prados

**A**ndava por ali o deus das Uvas.  
Por trás de cada cepa se ocultava.  
Tinha os pés disfarçados em raízes  
que prendiam a terra virilmente.  
Tinha os olhos nos cachos reflectidos.  
E a firmeza das parras acusava  
que escondiam seu sexo omnipotente.

Que é das Fadas que habitam a Noite?  
Que é das brisas que a gente  
sente, mesmo acordadas,  
só porque a Noite nos presente?

Que é das estrelas nascidas  
quando se brisa da Noite nos embriam?

(Zanga-se o Poeta, à noite, com as grilhas...

Mas elas não se ralam).

**E**ste cheiro do Mar é um convite...  
Pobres Vascos da Gama, que deitavam  
a sorte ao Mar, em cima de uma prancha,  
sòmente porque as Índias convidavam!

## OS CAVALOS

Se alguém mentiu, não fui eu.  
— Eu vinha alegre e cantava.  
Se alguém mentiu foi o Sol,  
se alguém mentiu foi o Mar,  
que ficavam tristes, tristes,  
à medida que eu cantava.

Se alguém mentiu não fui eu.  
— Se alguém mentiu foi o Céu:  
antes eram livres.  
Agora, aperreados,  
pastam pelos prados  
como por favor.

Já lhes não dão nada  
que não seja dado.  
Mas nem se apercebem...  
Feliz a ignorância  
que lhes adoça o pasto!

## NOCTURNO

**E**ra um murmúrio longo de ondas mansas...  
Um cochichar de Estrelas curiosas...  
Um concerto de grilos tresnoitados...  
Mais presente que tudo, aquele enorme  
silêncio religioso, imagem pura  
dos ouvidos atentos do Poeta...

**S**e alguém mentiu, não fui eu.  
— Eu vinha alegre e cantava.  
Se alguém mentiu foi o Sol,  
se alguém mentiu foi o Mar,  
que ficavam tristes, tristes,  
à medida que eu cantava.

Se alguém mentiu não fui eu.  
— Se alguém mentiu, foi o Céu:  
era azul e fez-se pardo,  
como se fosse da Morte  
que a minha boca falava.

Eu vinha alegre e cantava.  
Tudo, à volta, escurecera.  
Se havia naquele dia  
qualquer palavra sincera,  
da minha boca saía.



## POESIA

# CALMARIA

A Poesia não fora ali chamada.

Naquele chão, de raras nem saudade.  
Nem um perfume vago memorando-as...

Toda, naquele sítio, repelia,  
pelo seu ar hostil, que magoava,  
o olhar sincero e frio das Ástros.

Quem não disse à Poesia  
que não era chamada àquela sítio?

Não requerida, veio



## POESIA

O chão continha  
O Atraz não deixaram de alisar-se...

Mas quem se nota  
O austeridade de Eraldo e de Rosa?

— Não requerida a Poesia veio

**A** Poesia não fora ali chamada.

Naquele chão, de rosas nem saudade.  
Nem um perfume vago memorando-as...

Tudo, naquele sítio, repelia,  
pelo seu ar hostil, que magoava,  
o olhar sincero e lúcido dos Astros.

Quem não disse à Poesia  
que não era chamada àquele sítio?

Semente a Poesia veio do regado  
que Não requerida, veio.

O chão continuou a não ter rosas...  
Os Astros não deixaram de alhear-se...

Mas quem te nota,  
ó ausência de Estrelas e de rosas?

— Não requerida, a Poesia veio.

A Poesia não foi ali chamada.

Naquele chão, de rosas nem saudade.  
Nem um perfume vago mentando-as...

Tudo, naquele alto, repelia.  
Pelo seu ar hostil, que magoava,  
o olhar sincero e lícido dos Astros.

Quem não disse à Poesia  
que não era chamada àquele alto?

Não requerida, veio.

## A UM CORVO

**T**ens o poder das asas mutilado...  
Tens a tristeza nobre dos proscritos...  
Tens, no aspecto, a calma nostalgia  
dos teus reinos de aquém e de além ar...  
Mas não gritam tragédias nos teus olhos  
nem lembranças violentas de outros dias  
denunciam a fonte do teu sangue...  
Sòmente o Poeta sabe do segredo  
que os teus passos burgueses espezinham...

O chão continha...  
Os Astros não deixaram de libertar-se...

Mas quem lá nota,  
A existência de Estrelas e de luas?

— Não requerida, a Poesia vota.

**B**oca nem sequer beijada!  
Ó boca vagamente aparecida!  
Boca nascida  
sòmente p'ra deixar na minha vida  
a nostalgia de um lago  
que nem gaiotas ensombram  
nem auras leves agitam....

## CIDADE

As flores não sabem dos pedintes  
nem dos que estão à beira da lagoa  
nem das suas mãos de ligar,  
Resplandecem de vida e de amor.

**A**nda agora boiando na lagoa  
o cadáver da flor que eu não tocara  
se não fora o desejo irreprímível  
de ver uma flor morta sobre as águas...

Boca nem sequer beijada!  
Ó boca vagamente apertada!  
Boca suada  
A  
Enchi minhas palavras de silêncio  
e pela vez primeira nesta vida  
teu coração rebelde as entendeu...

O POETA  
*CIDADE*

**A**s flores não sabiam dos pedintes  
nem dos que estão à beira da loucura  
nem das suas irmãs do lupanar.  
Resplendiam de viço e de candura.

A Cidade mirava-se no espelho  
desse jardim de flores ignorantes.  
Encobertos com jóias e com sedas  
os devastados peitos cancerosos,  
em cada flor se via reflectida.

Não era bem dos teus passos  
que a Poesia saía.

No entanto, se tu passavas,  
na sombra azul dos teus passos  
adivinhavam meus olhos  
bailados da Poesia.

## O POETA

### 1

Hora suspensa  
de olhar essas flores  
Não lhes vejo nada.  
Só vejo a macaxilha  
de as estar aliando.

Quanto lhe pedisse  
Tudo que eu queria  
era nas suas mãos que terminavam  
as coisas infinitas e as finitas.  
Por isso as suas mãos eram abismos —  
aonde se perdia o Pensamento.

Tudo ganhou sentido num momento...  
Água mansa com choupos reflectidos,  
teu olhar descansava no do Poeta;  
e a poesia das coisas sem Poesia,  
que no olhar do Poeta dormitava,  
de súbito nas coisas acordava  
— tão natural, tão íntima, tão própria,  
como se fora delas que nascera...

## ACEITAÇÃO

**H**ora sossegada  
de olhar estas flores...  
Não lhes peço nada.  
Basta a maravilha  
de as estar olhando.

Quanto lhes pedisse  
não seria mais  
do que me vão dando  
sem lhes pedir nada.

Flores que me dão  
quanto lhes não peço,  
quanto pediria  
se pedir quisesse...



## ODE A UM AMIGO MORTO

(Ao Manel e ao Eurico)

Faltava-lhe a morte  
para ser completo.  
A taça estava cheia.  
Faltava-lhe a pétala  
da rosa  
para transbordar.  
A taça estava cheia  
de amor e de esperança  
e de mocidade.  
A pétala caiu.  
Transbordou a taça.  
Mais pobre, só o Mundo.  
Completo, só ele,  
que morreu sereno  
como quem o sabe.

## AS CRIANÇAS

Olhavam para tudo extasiadas.  
Puras, em cada rosa, em cada pedra,  
viam beleza eterna e absoluta.  
Seus olhos primitivos resumiam  
a intacta poesia da Manhã.

## ELEGIA

Nada chegou a ser, de tão efémero.  
Instante fugidio em que não houve  
senão inexistência povoada  
de presenças corpóreas e tangíveis...  
Tão breve foi, tão débil o instante,  
que não deixei ainda de senti-lo.  
Que é das visões que vinham preenchê-lo?  
Vazio de tudo o sinto, nu, ausente  
das visões que lhe davam realidade...

Palavra nunca vista e nunca ouvida  
mas presente em meu sangue e em minha alma  
como a lembrança vaga de um poente...

## A ESFINGE

Pois o meu coração que transbordasse,  
já que de puro Amor transbordaria.  
Antes isso que a vaga expressão fria,  
o silêncio cruel da sua face.

O vento mais violento nela passe:  
não vergará sua figura esguia.  
As brancas mãos de estátua refugia  
num segredo que a Noite lhe contasse.

E no entanto eu sei quanto me quer.  
P'ra lá da pedra muda dos seus lábios  
adivinho a palavra merecida.

Só não sei se ela é anjo se é mulher.  
Não sei se ela é a Morte se é a Vida.  
Seja lá o que for: mas que me fale!

Pois o meu coração que transbordava,  
já que do puro Amor transbordava,  
Antes não que a vossa expressão tira,  
o silêncio cruel de sua face.

O vento mais violento com passo:  
não vovoz, não fôlego, não voz, não  
mas presença, não voz, não voz, não  
mas presença, não voz, não voz, não

*FRISO*

1

*FABULA*

**T**inham murchado as rosas no jardim.

Chegou então, p'ra insultar as rosas  
com o brilho da sua mocidade.

## HAJA CIO NA PAISAGEM...

**H**aja cio na Paisagem quando passes...  
 Corpo em flor, mas sem homem que mereça  
 desvendar-te a secreta divindade,  
 ao menos a Paisagem te fecunde.

## A MORTA

## PECADO ORIGINAL

Nunca a sua beleza me falara  
de um modo tão sincero e tão preciso.  
Deixada finalmente  
a efémera máscara da alma,  
não há nada, nas formas do seu corpo,  
que não seja verdade transparente.



MADRIGAL

## PECADO ORIGINAL

A coisa bonita é simples.  
A tua, meu amor,  
é bem mais simples ainda:

«Ira, não, não, não, não, não,  
Nada, é, não, não, não, não, não...»

Via como é simples e linda?

(O resto é muito simples;  
que não a tua, não de mim,  
que se esqueça de nós.)



## MADRIGAL

A minha história é simples.  
A tua, meu Amor,  
é bem mais simples ainda:

«Era uma vez uma flor.  
Nasceu à beira de um Poeta...»

Vês como é simples e linda?

(O resto conto depois;  
mas tão a sós, tão de manso,  
que só escutemos os dois).



**D**a minha janela  
vê-se a Poesia.

Não te digo, não,  
se é bonita ou feia,  
se é azul ou branca,  
nem que formas tem.

Queres conhecê-la?  
Deixa o teu bordado,  
vem para o meu lado,  
que já podes vê-la  
com teus próprios olhos.

Da minha janela  
vê-se a Poesia...

Outro que te diga  
se é bonita ou feia.

## DÁDIVA

Coisa nenhuma  
foi tão verdadeira  
como a tua alma  
quando tu ma deste.

Deste-ma inteira...

Tua mão, que a dava,  
nem me perguntava  
se eu a merecia.  
Dava-a e sorria,  
como quem recebe.

Por que graça rara  
ficaste florida,  
mesmo assim despida  
dessa flor tão pura?

D

Não te diga, não,  
se é bonita ou não,  
se é azul ou branca,  
nem que cores tem  
Cora nenhuma  
que se lhe dá  
como a tua alma  
quanto se enlaxa  
e se enlaxa  
que já pode ser  
Luz e sombra

Tua alma  
nem se enlaxa  
se em a morte  
Dava a cor  
como que se enlaxa

LIRICA

Sou feio, sou feio...  
Quem gosta de mim?

Quebrei os espelhos  
e as águas dos lagos  
turvei-as...  
Não gosto de ver-me  
senão nos espelhos  
dos olhos, das falas  
dos outros.

As coisas que diz  
a gente, sorrindo!...

Sou lindo, sou lindo,  
se tu me sorris...

...o que sou...  
Quem gosta de mim?

Quem se espelha  
a as águas dos lagos  
torna-se...  
Não gosto de ver-me  
acaso nos espelhos  
dos olhos das fêmeas  
das outras.

Que eu as diga ou não diga,  
as palavras que digo  
vão sempre ter contigo,  
minha Amiga!

Estavas na varanda  
e era em mim que pensavas.  
Passaram as palavras  
que os meus lábios te mandam

e logo nesse instante  
a varanda floriu  
e um pardal que te viu  
chamou-te minha Amante.

Tinhas flores nos cabelos.  
Tinhas as mãos douradas  
de apertarem as minhas  
em pensamento apenas.

Os teus olhos dançavam  
ao som da minha voz.  
De pressentir-me longe  
teus lábios se pintavam

e a tua ternura  
fingia-me tão perto  
que o pardal indiscreto  
adivinhava tudo.

Não é a hora, **CANSAÇO**

Agora

deixa partir em vão a peregrina  
temera da Palapa.

Não desprendas as mãos  
das muletas...

Abandona-te, meu canto como heros...

E beija-me na testa...

Quando a Noite

meu vir vindo.

**N**ão quero amar nem ser amado...  
Quero ficar estúpido e cansado  
a este canto, e só.

Batido pelo Vento,  
sem conforto, sem pão, sem alegria.

E se eu chamar não venhas.  
(Que eu não hei-de chamar-te...)

No entanto, Amor, não saias para longe.  
É que eu posso, apesar de tudo quanto digo,  
chamar por ti.  
E era tão bom saber que me escutavas!...  
E era tão bom sentir que perdoavas!...

## CREPUSCULAR

**J**á não são horas, meu Amor...  
A hora  
passou  
em que era grato a gente amar.  
É um querer de Irmão este de agora.  
Nem a Tarde  
é já o cravo rubro de inda há pouco:  
é um murmúrio quase... um lírio inexistente  
dulcificando as coisas, perfumando-as  
de carinhos...

Não é a hora, Amor.  
Agora  
deixa sorrir em nós a peregrina  
ternura da Paisagem.  
Não desprendas as mãos  
das minhas...

Abandona-as, mas castas como berços...  
E beija-me na testa...  
Quando a Noite  
mansa vier vindo,  
Amor, beija de manso a minha testa...  
De manso, meu Amor...  
Como se o lírio da Tarde se fechasse...

## LINGUA-LINGUA

Não quero ser teu mais constante  
pensamento.  
Nem sequer, meu Amor!, teu sentimento  
mais instante.

Basta-me ser,  
a certas horas de certos dias,  
o Sol que vai tuas mãos frias  
aquecer.

Basta-me ser, a certas horas,  
quando, subtil, a Mágoa vem,  
aquela lágrima que choras  
e te faz bem.

Basta-me ser aquele nome  
naquela carta daquela tarde  
em que tu tinhas sede e fome  
de que eu viesse acompanhar-te.

(Se eu, meu Amor!, não fosse vivo,  
quem sabe lá se existiria  
a tua cândida alegria  
que é sem princípio e sem motivo?...)

Basta-me ser a fala amiga  
que a alma clara te adormente  
quando excitada de contente  
ou quando morta de fadiga.

Ser entre todos o mais belo.  
O de mais recta consciência.  
O de mais funda inteligência.  
O que dá gosto ouvi-lo e vê-lo.

E é tanta coisa o que me basta!  
Mas ser, em toda a tua vida,  
a vida única vivida,  
a sombra, o ar que não se afasta,

ah!, meu Amor!, tem dó de nós.  
Antes perdidos num deserto:  
eu sempre ouvindo a tua voz,  
mas sem jamais te ver de perto.

E tu também... Assim, assim,  
que outro sabor não tinha a vida:  
toda em teu bem, Amor!, erguida,  
mas realizada só por mim.

E a tua, essa,  
só tuas mãos para a moldar,  
nem que depois ma viesses dar  
como quem paga uma promessa...

## LEMBRANÇA

Foi naquela tarde,  
já distante...

Mas foi tão nítido e tão vivo,  
Amor!, o beijo que me deste,  
que não consegue ser saudade.

Flor cálida, vermelha flor tenrinha  
que nos lábios contentes me deixaste...

Triste, já o Outono se avizinha.

Só essa flor não quer tombar da haste...

## CANÇÃOZINHA

Antes perdidos nam chorar  
ou sempre ouvindo a tua voz  
mas sem jamais te ver de perto.

E tu também... Assim assim,  
que outro sabor não tinha a vida;  
toda em teu bem, Amor, orgulha,  
mas realizada só por mim.

E a tua, essa,  
só tua minha, era a moldar  
mas que é o meu bem  
como quem me ama.

**F**osse mentira,  
fosse verdade,  
era por mim  
que ela chorava.

De levezinho,  
sobre os seus ombros  
poisei as mãos.  
De levezinho...

Se era verdade,  
se era mentira,  
que o diga aquela  
lágrima alegre  
que agradecia...

A B C

Tinha a alma branca,  
brancinha fofa.

E a alma dos pais?

« Quantas horas perdi  
foi por ti  
que as perdi.»

Vai o meu coração  
repetiu a lição:

— «Quantas horas perdi  
foi por ti  
que as ganhei...»

## CANÇÃO INOCENTE

Deitou-se a menina  
da varanda abaixo.  
Fugiu com o moço.  
— Não podia mais.

Fugiu para onde  
ninguém lhe ralhasse,  
fossem naturais  
os beijos que desse.

Lá vai a menina.  
Lamentam-se os pais.  
Murmuram vizinhas  
e gatos e cães.

Lá vai a menina...  
Tinha a alma branca,  
branquinha ficou.

E a alma dos pais?

E  
...  
Depois aquela Primavera  
disse coisas tão bonitas...  
Que é que importava a lei natural,  
quando as mães eram rosadas  
e Adão e Eva juvenis?

Simplex ergo sua praece fortis.

Sunt gustos da mãe...

Estes vinhos e castigos...

## PECADO ORIGINAL

**E**ra tão fácil, tão à mão!...  
Depois, aquela Primavera  
dizia coisas tão subtis!...  
Que é que importava a lei austera,  
quando as maçãs eram rosadas  
e Adão e Eva juvenis?

Simple, ergueu seus braços fortes.

Sumo gostoso da maçã...

Eternos ralhos e castigos...

Ri-te de ralhos e castigos,  
Senhora Eva minha Mãe!  
Seja teu roubo celebrado!

— Ficou a mágoa do pecado  
mas a maçã ficou também.

Nesta noite triste  
de que ser casada,  
Ter os lar com flores,  
suas lençóis bordada,  
Seu malhacinho  
que veio, sedosa,  
para suas vistas  
(... e tantas coisas  
que não são mais...)

Nesta noite triste  
de que ser casada, (N)

PECADO ORIGINAL  
Ei-la de novo e sempre!  
Senhor Eva minha Mãe!  
Seja teu tempo celestial!

— Fico a mãos de pecado  
mas a maçã ficou também

E tu tão fácil, tão à mão!...  
Depois, aquela Primavera  
dizia coisas tão sutis!...  
Que é que importava a bíblia,  
quando as mãos eram rosadas  
e Adão e Eva jovens?

Simplez, arguem suas traças fortes.

**N**os teus olhos, aos poucos, vou achando  
(de adivinhá-lo há rosas que sorriem)  
quanto no mundo, aos poucos, fui perdendo...

## IDEAL BURGUEËS

Nada mais bonito  
do que ser casado.  
Ter seu lar com flores,  
seu lençol bordado.  
Sua mulherzinha  
que vele, cuidosa,  
pela nossa vida  
(Ai!, tantos carinhos  
nem com uma rosa!...)

Nada mais bonito  
do que ver à mesa  
dois ou três meninos:  
um com meus cabelos,

outro com meus lábios,  
o terceiro, ainda,  
com meus olhos verdes,  
com teus dedos finos.  
Bem à flor da pele  
nosso amor, em todos,  
a falar-nos dele.

Nada mais bonito,  
nada mais bonito:  
a gente casar,  
a gente ficar  
toda a vida assim:  
eu todo p'ra ti,  
tu toda p'ra mim.

E do nosso amor  
nas noites de Maio,  
nas tardes de Agosto,  
fazer o perdão  
p'ra certo desgosto  
que deu, ao Senhor,  
nosso Pai Adão.

Beijo a rosa brava  
do teu ventre jovem...

(Se é que não baixava  
dos seus peitos nus,  
de onde vinha a luz  
que me iluminava?)

Oh!, o vivo instante  
que, de tão ansiado,  
se fez tão presente  
que o meu corpo ardente,  
antes de chegado,  
já o agradece!

(O cheirinho a frutos  
que me entontecia  
tudo me dizia  
vir dos lábios dela...)

Na calada auréola  
do segredo enorme  
sobre nós suspenso,  
já meu corpo sabe,  
já o teu presente  
como a virgindade,  
para merecê-la,  
hás-de tu perdê-la  
nesse instante vivo  
que de tão ansiado  
já se fez presente.

(Onde é que nascias,  
se ela não falava,  
música tão vaga  
que mal existias?)

## PUREZA

### CORAÇÃO ATENTO

V em toda nua  
ou, se o não consentir o teu pudor,  
vestida de vermelho.

Teus tules brancos,  
o azul, que desmaia,  
de tuas sedas finas,  
guarda-os p'ra outros dias.

P'ra quando, Amor!, teu ventre, já redondo,  
merecer a pureza do azul...



## ENFERMEIRA

# CORAÇÃO ATENTO

A s vezes vejo que apuro,  
de imagino-me doente,  
A boca é branca, toda branca...  
E tu, serena, resplandesces,  
Caralém de Branco.

Há um sifício que se enfiava  
de uma ternura desusada.  
Talvez a chuva lá por fora...  
Mas para mim não há mais nada  
que a tua imagem, nessa hora,  
sobre o meu leito desolado.



## ENFERMEIRA

As raras vezes que apareces,  
eu imagino-me doente.  
A hora é branca, toda branca...  
E tu, serena, resplandeces,  
também de branco.

Há um silêncio que se enflora  
de uma ternura desusada.  
Talvez a chuva lá por fora...  
Mas para mim não há mais nada  
que a tua imagem, nessa hora,  
sobre o meu leito debruçada.

Palavra alguma, nem um gesto,  
vem confirmar tua presença,  
que simplesmente se anuncia  
pela suavíssima alegria  
de imaginar que estou doente.

E não me ajeitas a almofada...  
E não me pões à cabeceira  
nem uma rosa nem um livro...  
Mas é tão boa e verdadeira  
tua presença ao pé de mim  
que quando saís, misteriosa,  
toda de branco,  
a tua ausência dói-me tanto,  
e aquela hora, de repente,  
fica tão fria e tão vazia  
que escusa a minha fantasia  
de imaginar que estou doente.

## CANTILENA

Cortaram as asas  
ao rouxinol.  
Rouxinol sem asas  
não pode voar.

Quebraram-te o bico,  
rouxinol!  
Rouxinol sem bico  
não pode cantar.

Que ao menos a Noite  
ninguém, rouxinol!,  
ta queira roubar.  
Rouxinol sem Noite  
não pode viver.

## PÃO NOSSO DE CADA DIA

Chega até aqui o barulho do Mundo.  
Só as vozes alegres. As tristes, essas, não.  
— : Fazem um sussurro tão leve, tão íntimo,  
que só imaginando-as consigo ouvi-las.  
Mas elas é que são mais verdadeiras  
(mais verdadeiras, não: mais constantes).

Ah!, é preciso acabar com isto.  
Erguer as mãos (mas de protesto, não de súplica)  
e gritar: «Queremos a Vida, queremos  
Queremos o pão nosso de cada dia.

p'ra Deus.  
a Felicidade.

Nós que trabalhamos, que desejamos,  
nós que merecemos, Senhor, nós que merecemos,  
queremos a Vida, queremos a Felicidade».

Senhor, eu sou Poeta. Tenho pão, tenho vinho.  
Posso gozar os Teus rios, as Tuas serras  
a liberdade que me deste.

Sou quase feliz. Mas até onde estou  
chegam, nítidas, as vozes de alguns como eu  
e chegam, adivinhadas, as dos tristes, as dos  
que não têm nada  
senão o direito de serem felizes também.

Eu aceito, Senhor, que seja impossível —  
compreender-Te.

E sei que há para todos horas que são aleluias  
— mesmo para os mais desgraçados.  
É enorme, é grandioso a gente não  
compreender nada disto.

E no entanto minha incompreensão grandiosa,  
minha aceitação grandiosa,  
num instante se abatem. Simplesmente  
porque um menino magro, lá em baixo  
no Mundo, pediu-me pão.  
Triste pediu-me pão,  
como se o pão não devesse ser gratuito  
como o Sol...

## CEMITÉRIO

**A**qui os mortos estão  
— vivos em tudo que for  
apenas recordação.

Aqui, lembrados de nós  
sòmente nas horas raras  
em que os lembramos.

Aqui, mudos para sempre,  
dizem sòmente as palavras  
que quem as diz somos nós,  
naquelas horas escassas  
em que há morte em nossa vida  
e vida na morte deles...

## DESENHO

Como as ondas dos lagos,  
como as aves...

De gestos suaves, suaves  
como afagos...

Depois, ainda,  
o seu arzinho de menina linda  
que acredita nos sonhos das bonecas.

(Ah!, que desejo de chamar-lhe Irmã!)

E o seu sorriso, igual  
aos primeiros sorrisos da Manhã...

E a meiga fonte cantante  
da sua voz...

E aquela boa alegria  
que só de vê-la se sente...

— Poesia, por quê buscar-te  
p'ra lá dos Astros,  
se andas tão perto da gente?

## MATERNIDADE

Quando eu passei, já parira.  
Já não vi o milagre  
em toda a sua inteireza.  
— : Vi apenas  
o chibinho buscando, sem achá-las,  
as tetas maternais.

Sòmente sombras, árvores e céus  
lhe haviam assistido.  
Nem de mais precisou, p'ra se partir  
em duas vidas iguais.

(Seria por acaso que eu passei?)

O chibinho balia.  
Ela, calada,  
suspeito que pensava o que pensei:  
cabra ou mulher, naquele instante enorme  
o respeito devido é sempre o mesmo.

Ah!, que eu já sei, já sei como os cabritos  
dizem Mãe!...

O chibinho balia.  
Fez-se um grande silêncio em volta do mistério:  
tudo, à volta, se enchia  
do balido tão flébil...  
Como que a Natureza se cansara  
de ser pagã,  
e submissa, suspensa, ajoelhada,  
virgem de Graça, atendia  
de aquele enorme instante misterioso  
a esmola de ser santificada.

## HORA VERMELHA

**P**or que vieste, pensamento?  
Já me bastava o Mar violento,  
já me bastava o Sol que ardia...  
P'los meus sentidos escorria  
não sei lá bem que seiva forte  
que a carne toda me deixava  
qual uma flor ou uma lava  
num riso aberto contra a Morte.

Já me bastava tudo isto.  
Mas tu vieste, pensamento,  
e vieste duro, turbulento.  
Vieste com formas e com sangue:  
erectos seios de mulher,  
as carnes róseas como frutos.

Boca rasgada num pedido  
a que se quer e se não quer  
dizer que não.  
Os braços longos estendidos.  
A mão em concha sobre o sexo  
que nem a Vénus de Camões.

Ai!, pensamento,  
deixa-me a calma da Poesia!  
Aqui na praia só com ela,  
virgem castíssima, sincera!...  
Sua mão branca saberia  
chamar cordeiro ao Mar violento,  
pôr meigo, meigo, o Sol que ardia.  
Mas tu vieste, pensamento.  
Tua nudez, que me obsidia,  
logo, subtil, encheu de alento  
velhos desejos recalçados,  
beijos mordidos  
antes de os ver a luz do Dia.

Vai-te depressa, pensamento!  
Deixa-me a calma da Poesia.  
Fique em minh'alma o só perfume  
da cerca alegre de um convento.

Os meus sentidos embalados  
numa suave melodia.  
(Ah!, não nos quero desgrenhados  
como quem volta de uma orgia).

E então meus lábios mais serenos  
do que se orassem sobre um berço,  
sorrindo à Vida,  
sorrindo à Morte.

Ah!, não nos quero assim grosseiros,  
ébrrios, torcidos,  
como depois de um vinho forte.

## EPITÁFIO

**E**ras feio, eras triste.  
Em tua mão, ninguém  
pudera adivinhar uma carícia.  
Teus olhos eram lumes de desdém.  
Teus lábios afastavam.

Passaram as mais belas.  
As miseráveis  
passaram.  
Nenhuma delas,  
nem as que o Mundo não quis

e, sôfregas, andavam à procura  
quem sabe se de ti,  
te aceitou assim triste, repelente.  
Nenhuma  
beijou a chaga horrível do teu peito  
como se fora sua.

Foi-te ao menos a terra piedosa.  
Mas que o não saibas nunca!  
Fique-te o sonho afável de que a terra  
sômente por Amor te abriu seus braços.  
Nem tu, Irmão!, precisas de outra rosa  
que te perfume a campa...

Hoje não cantas, Mar! nem gritas: murmuras  
docemente.  
Quase, de tão baixinha a tua voz, não falas.  
Que bem te entendo, Mar!

(Ouve: p'ra cá da praia, que soluços,  
que chagas antiquíssimas, que preces,  
que corações varados por espadas!...  
Ah!, sempre, sempre, sempre, como há vinte  
mil anos este Mundo  
a gemer sobre um leito de misérias!...)

Mar velho!,  
que hoje apenas murmuras doce... docemente...,  
que maneiras as tuas, tão boas e tão próprias,  
de estar à cabeceira de um doente!

## PECADO

**H**oras em que o Diabo manda mais...  
Mas os lábios da Noite não se riram,  
desdenhosos, de mim.

Nem houve, nos seus olhos,  
a mínima censura.

Receoso ergui os olhos, mal ousando  
olhar de frente o azul imaculado  
dos seus.

E ela sorriu...  
Puríssima, na sua  
virgindade fecunda  
(abençoada, Noite!,  
a gravidez perene do teu ventre...),  
puríssima, serena de inocência,  
teve um sorriso claro para mim.

Como se nada vira...

Antes assim.

Minha só, a miséria dessa hora  
nem lhe manchou a orla do vestido.

Ah!, fosse meu também  
seu ar puríssimo, sereno de inocência...

## HOSPITAL

Quando vem alguém  
não há hospital.  
Há doces, há livros,  
notícias da rua,  
conforto de Amigos.

Que breves minutos!  
Já todos se vão.  
Já doem as dores,  
Já desce a tristeza  
de estarem sôzinhos.

Mais triste que os outros,  
mais só, lá no fundo,  
há um que por pouco  
não chora de mágoa.  
— : Não veio ninguém  
lembrar-lhe que há Vida.

— Ai flor esquecida,  
morrendo..., morrendo...,  
num jarro sem água!

Antes assim.

Minha mãe, a mãezinha de casa  
com as manhas a olho do vestido.

Ah! fosse mais também

uma ar parvulina, sempre de

quando vem alguém

nao há hospital.

Há doces, há livros

noticias da rua

contato de amigos.

Que breves minutos!

lá todos se vão

lá tornam-se dozes

lá desce a tristeza

de estarem sózinhos

## NAUFRÁGIO

Não era por mal...  
A onda que vinha  
não vinha por mal.

Mas veio, mas veio...  
E logo a barquinha  
partiu pelo meio.

Nem homens, nem velas.  
— : Quanto a bordo ia,  
com fé abalara,  
morreu já sem ela.

Mas, se a onda veio,  
não veio por mal:  
era irmã daquela  
que chegou à praia,  
que embala barquinhos  
de meninos pobres.

Os meninos brincam.  
Navegam em barcos  
feitos de cortiça,  
feitos de jornal.  
Quase à mesma hora,  
longe, os pais naufragam  
sem nenhuma ajuda.

Mas não é por mal...

## MOÇA JEITOSA DO MINHO

Viva a poesia toda ingénua  
de eu ir sentado ao pé de ti,  
moça jeitosa do Minho!  
Levas o fio, as arrecadas.  
Levas um saco de retalhos  
sobre as pernas.  
Vamos os dois de camioneta,  
vamos a Braga, vamos a Braga.

Quando passámos pelas almas  
todos tiraram seu chapéu.  
(Tu nem rezaste, só a pensar  
que ias a Braga...)  
Que as boas almas do caminho,  
que elas, mocinha!, me castiguem,  
se é que eu te miro  
com má tenção.

Vamos a Braga!, vamos a Braga!  
Tu vais comprar um lenço novo,  
olhar as montras com enlevo.  
Ah!, que as alminhas me confundam,  
se o meu enlevo, moça do Minho!,  
é diferente do teu enlevo  
ao pé das montras da cidade.

E a camioneta roda que roda...  
Tu vais distante: já vais em Braga,  
olhando as montras, mercando o lenço.  
Se te voltasses, vias meus olhos  
tão enlevados,  
vias meus lábios, cheios de versos,  
tão enlevados, tão enlevados,  
que baixarias teus olhos castos.

Não cores, moça!  
Não foi um beijo que eu te pedi.  
Nem os meus versos são mãos de fogo  
que te desejam.  
São a poesia toda pura  
de eu ir sentado ao pé de ti.  
Quase que rezam...  
Podia lê-los o Senhor Abade...

## BUCÓLICA

### MARÉ ALTA

Baliu, pela mudez da Noite, a voz mansinha  
de uma borrega aflita.

Que coração atento a pôde ouvir?  
Onde a ovelha-Mãe, onde o pastor  
que viesse enxugar seu pranto de alma?

Baliu, pela mudez da Noite, dolorida...

O Poeta, esse, ouviu.  
Mas tinha, sobretudo,  
de rimar os balidos da borrega  
com aquele abandono desumano.

E nem sequer a Noite lhe acudiu...



## MARÉ ALTA

Antonio! dorme... Já se acabou a festa,  
Não mais ouvirás os teus solteiros,  
quando passarem rapazes  
com os lábios vermelhos a saudá-los.

Dorme... Curiosa vela a tua cabeceira,  
(ela tão cedo o meu querido Menino!...  
Mas toda a gente agora fala dele;  
que foi um grande Poeta em lá e que é).



## SONETO DE ANTÓNIO

Fechaste o céu a sete chaves...  
E que te importa não se saber  
se as sete chaves acendidas?  
A cruz na festa procurá-las.  
Já se sabe lá se se sabe  
que não se procura  
lá sete chaves.

**A**ntónio! dorme... Já se acabou a tosse.  
Não mais ocultarás os teus soluços,  
quando passarem rapazes  
com os lábios vermelhos e saudáveis.

Dorme... Carlota vela à tua cabeceira.  
(«Ia tão seco o meu querido Menino!...  
Mas toda a gente agora fala dele;  
que foi um grande Poeta ou lá o que é»).

Ouve, António: sempre é verdade a Lua Nova?  
E os Anjinhos? E a tua  
Nossa Senhora linda?

— Diz-me que sim, mesmo se for mentira...  
Eu acredito, eu acredito, António!,  
e é por isso que vou vivendo ainda.

A António dorme... Já se acabou a festa.  
Não mais ouvirás os seus soluços,  
quando passarem tapadas  
com os lábios vermelhos e sandálias.  
Dorme... Carola veio à tua cabeceira.  
E lá não são o meu querido menino...  
Mas toda a gente agora faz dela;  
que foi um grande Poeta os lá e que é).

## LENDA DAS SETE CHAVES

Fechaste o Céu a sete chaves...

E que me importa não achá-las,  
as sete chaves escondidas?

A mim me basta procurá-las.

Já sou feliz, só de saber

que ando à procura

das sete chaves.

Mas Tu, Senhor, que aborrecido,  
mas Tu que só Te hás-de sentir,  
sempre teimando em não abrir  
e em recusar

a nossa humana companhia.

Farto das almas velhas-relhas  
sem novidades p'ra contar!

Que estranha a Tua teimosia!...

Ah!, já de pasmo Te finaras  
se volta e meia não viesses,  
mas disfarçado e às fugidas,  
p'ra me ajudares a procurar  
as sete chaves escondidas.

## CRISTO

À minha cabeceira o Cristo morre  
de puro dó. Silenciosamente,  
da cabeça caída para a frente  
um fio de sangue, ainda vivo, escorre.

Puseram-mO ali como um remorso.  
Não quiseram matá-Lo de uma vez,  
p'ra m'O porem ali como um remorso.  
Tem os olhos abertos. Tristes..., tristes...  
E a Sua boca quase que me fala,  
como quem repreende meigamente.

Quando me vou deitar, já nem O olho.  
Apago a minha vela bruscamente,  
p'ra não ver os Seus olhos que me doem  
como um remorso antigo.

Por que não ficou morto no Calvário,  
apodrecendo aos Astros indiferentes?  
Por que veio acabar para o meu quarto,  
com estes olhos suaves que me acusam,  
com estes lábios tristes que me pedem  
que O não deixe morrer tão sem razão?

Tem quase dois mil anos o meu quarto.  
E em mais de mil das noites destes anos  
eu apaguei a vela p'ra não ver  
a agonia do Cristo, que me acusa.

Mas Ele rasga a escuridão da Noite.  
Mas Ele rasga o sono em que me oculto  
e vem, solto da cruz a que o preendi,  
continuar, no fundo da minh'alma,  
Seu estertor.  
Seus olhos brilham mais, na escuridão...  
P'ra de todo morrer,  
como que espera apenas o segundo  
de eu Lhe pedir perdão.

## HOJE DEUS É VERDADE

**H**oje Deus é Verdade!  
Hoje até o mistério da Trindade,  
modos de amar a Deus, preceitos, dogmas, ritos,  
tudo quanto quiserem, eu aceito.

Passem p'ra cá papel e tinta. (Se preferem,  
escreverei a sangue esta notícia).

Sem demora nenhuma!

Convicto, ardente, alegre, cumpro a vossa  
formalidade inútil  
e corro a olhar Deus de mais pertinho.

Hoje Deus é verdade!

Não é mais a imagem na parede  
que ouve, por convenção, as nossas mágoas,  
criou, por convenção, terras e águas,

por convenção aplaca a minha sede,  
que tudo faz e tudo quer e tudo pode,  
por convenção.

(E a quem, também por convenção, fingindo  
que acredito  
que tudo pode e tudo quer e tudo faz,  
rezo, pela manhã e à noite, distraído...)

Hoje Deus é verdade como o Sol!  
A imagem mexeu-se na parede  
sem ser, por convenção.  
Não sei se ela me disse ou me não disse  
que todas as verdades, mesmo as mais  
pequenas, aceitasse,  
mas cá vou aceitando quanto queiram:  
modos de amar a Deus, preceitos, dogmas, ritos...  
Vivam (que eu deixarei, condescendente)  
sua mesquinha enorme claridade:  
nada pode ofuscar esta verdade  
de hoje Deus ser verdade como o Sol.

## TENTAÇÃO

Nem sequer o teu peito p'ra deitar  
minha cabeça tonta de fadiga!  
Ah!, nem sequer a tua voz amiga  
que me sabe tão bem acalantar!

— Deixou-me Deus sòzinho a este canto.  
Só Ele vem, volta não volta, rir  
de eu nem ter ânimo p'ra me insurgir  
quando Seu riso mau me aflige tanto.

Por que vem Deus, se vem, assim tão cheio  
de maldade, de troça, de cinismo?  
Não era este o Deus que me ensinaram...  
:Um — que nos pede Amor e não receio.  
Um — a cujo sinal se iluminaram  
as trevas do Abismo.

Por que vem Deus tão outro?  
Lindo  
podia ser este cair-da-tarde...  
Mas Deus à minha volta não descansa.  
Na cabeça lhe apontam dois cornichos.  
E ri — porque o Seu riso é uma lança.  
E salta à minha volta numa dança  
que é desafio aberto à minha fé.  
Já não é Deus aquela fonte mansa  
que aonde quer que a dor nos acometa  
nasce, beatificando a nossa alma.  
Já Se enfastia Deus de ser o Bom  
e o Justo...

Ah!, Deus, pois é Seu gosto, ria!  
Deus que salte, ruim, à minha volta!  
Faça da minha fé o Seu brinquedo!

Mas saiba  
que mesmo entre soluços, entre escuma  
de desespero e raiva,  
só «Deus!», só «Deus!», só «Deus!», só esse  
enorme  
se assim o quer, insulto,  
p'ra Lhe dizer trarei à flor dos lábios...

## PARÁBOLA DA OVELHA

**I**nútil, inútil, inútil,  
qualquer palavra.  
Aparece-lhe, apenas.  
Olha p'ra ela, simplesmente,  
com essa serenidade  
que só Tu e os santos sabeis ter.  
Ela compreenderá.  
Ela Te seguirá por todos os abismos,  
por todos os infernos,  
pelos caminhos todos  
e por todas as dores necessárias  
para chegar ao Reino da Verdade.

Nem palavras, nem mesmo mensageiros.  
Tu sòmente, Senhor!, Tu lhe aparece  
com Teu silêncio grávido da Tua  
Revelação.  
Ela compreenderá.

E não dirá também uma palavra:  
nem de perdão,  
nem de arrependimento, nem de graças.  
Guardá-la-á, Tua Revelação, no peito  
e cerrará os lábios.  
Mas seguirá por todos os caminhos,  
por todas as alegrias...

Desamparada, espera.  
Não sabe o quê, mas espera.  
Não prometeste que vinhas.  
(Tu não prometes nunca...)  
Mas virás..  
E hás-de vir sem palavras.  
Com Teus olhos serenos, simplesmente, com Teus modos  
serenos.  
E ela compreenderá, irá contigo.  
Serena, sem palavras.  
Nem há-de reparar  
que Te não vira nunca.  
Irá serena, sem palavras,  
como se tudo aquilo

(sua tão longa espera,  
Tua chegada repentina,  
vosso encontro sereno),  
como se tudo fora combinado.

## MARÉ ALTA

Não, a lágrima não veio,  
nem mesmo fazia falta.  
P'ra quê, quebrar este enleio?  
Transbordar a maré alta,  
para quê?

— Vive Deus, que O estou vivendo  
nestes lábios com que choro  
e nos olhos com que eu olho.  
Quantas luzes se acenderam,  
não sei se dentro de mim,  
não sei se à volta de mim!  
Como as minhas mãos, erguidas,  
são naves de cathedral  
e são preces e são velas  
ardendo por sua Glória!...

Não me talhes outra sorte,  
meu Deus!

Se é isto morte, que eu morra  
(que eu continue morrendo...).

Se é isto vida, que eu viva.

Que fique sempre cativa  
minh'alma, se é cativo  
esta alegria.

Perdidas todas as vozes  
que não sejam p'ra louvar-Te...

Perdidos todos os gestos...

Perdidos todos os dias  
em que eu Te não abençoe...

A mim, Senhor! que não quero  
senão querer o que queiras,

por que me fazes contar

na minha vida passada

tanta fala em vão falada

e tanto dia perdido

e tanto gesto perdido?...

Sempre ao pé de mim, Senhor!,

e quase sempre calado,

como se eu não fosse um homem

tão miserável, tão homem,

que preciso de Te ouvir

e Te sentir

p'ra saber que estás comigo...

(Ai horas só de vileza,  
de descrença e azedume!...)

Ah!, mas que tudo se esqueça  
na Luz clara que me bebe!...  
Sejam, minhas mãos, altares!  
Meus olhos, portas abertas  
sobre Deus!  
E, meus lábios comovidos,  
beijos do Senhor, marcados  
na minha carne feliz!

Meus Deus!,  
se tudo, e até meus pecados  
e minhas dúvidas, tudo  
quanto bem ou mal vivi,  
foi a paga desta hora,  
que não farei para agora  
me não deixares sem Ti?

Toma a minh'alma... Desfolha-a  
como se fosse uma rosa...  
Ou rasga-a  
como a papel que não presta...  
Ou torce-a entre os Teus dedos...  
Faz' dela quanto quiseres  
mas que perceba que és Tu,  
quem a esfolha, ou torce, ou rasga...

Faz' dela quanto quizeres, (A)  
mas tudo à luz desta Luz  
que é o olhar dos meus olhos  
e a fala que eu Te falo...

Ai!, a minh'alma, hás-de vê-la  
sempre mais bela,  
mais grata para contigo  
a cada golpe se erguendo,  
como se fosse nascendo  
a cada novo castigo!...

## INDICE

	Pag.
ESPERANÇA	11
Que me esperes, meu coração, que me esperes	11
CABO DA MINHA ESPERANÇA	12
Nunca João do Vinho	13
ALVORADA	15
Letras descoladas e uma torrada	15
As fontes	17
Por do norte a ventania e a guilher	17
Congos de	18
Largado	18
Tufão	19
Congos de guerra	21
O engenho à venda	22
Relatório	24
Diálogo de quatro noites	26
Conversas paradas	28
Mortalidade	31
Do lado de dentro, depois a minha vida	31
Meu país desarmado	32
Dandara negra	33
Se me chamarem de poeta, me chamem	33
JANELA ABERTA	34
Milha além Lisboa	35

**ARRÁBIDA**  
**1945-1947**



## Í N D I C E

	Pág.
EPIGRAFE ... ..	11
<i>Que me importa, meus versos, que vos tomem</i> ... ..	13
CABO DA BOA ESPERANÇA ... ..	15
<i>Nunca fala da Vida</i> ... ..	17
ALVORADA ... ..	19
<i>Lembro discretamente o vago instante</i> ... ..	21
As fontes ... ..	22
<i>Pus de parte a modéstia e o pudor</i> ... ..	25
Canção inútil ... ..	26
Largadá ... ..	28
Defesa ... ..	30
Canção de guerra ... ..	31
O segredo é amar ... ..	33
Relatório ... ..	34
Canção do vento norte ... ..	36
Caravela perdida ... ..	39
Mocidade ... ..	41
<i>Da mão de nenhum Anjo a minha vida</i> ... ..	44
Meu país desgraçado ... ..	46
Bandeira alegre ... ..	48
<i>Só no extremo minuto me coroem</i> ... ..	50
JANELA ABERTA ... ..	51
Minha alma abriu-se ... ..	53

	Pág.
Canção da felicidade ... ..	55
<i>Nasci p'ra ser ignorante</i> ... ..	58
Melodia vaga ... ..	61
Deus sorri ... ..	63
Canção matinal ... ..	64
Árvores nuas ... ..	66
Os grilos ... ..	67
Baco ... ..	69
<i>Este cheiro do Mar é um convite</i> ... ..	70
Os cavalos ... ..	71
Nocturno ... ..	72
<i>Se alguém mentiu, não fui eu</i> ... ..	73
<b>CALMARIA</b> ... ..	75
Poesia ... ..	77
A um corvo ... ..	79
<i>Boca nem sequer beijada!</i> ... ..	80
<i>Anda agora boiando na lagoa</i> ... ..	81
<i>Enchi minhas palavras de silêncio</i> ... ..	82
Cidade ... ..	83
<i>Não era bem dos teus passos</i> ... ..	84
O poeta ... ..	85
Aceitação ... ..	87
Ode a um amigo morto ... ..	89
As crianças ... ..	90
Elegia ... ..	91
<i>Palavra nunca vista e nunca ouvida</i> ... ..	92
A esfinge ... ..	93
Friso ... ..	95
<b>PECADO ORIGINAL</b> ... ..	99
Madrigal ... ..	101
<i>Da minha janela</i> ... ..	102
Dádiva ... ..	103
Lírica ... ..	105
<i>Que eu as diga ou não diga</i> ... ..	107

	Pág.
Cansaço ... ..	109
Crepuscular ... ..	110
Lenga-Lenga ... ..	112
Lembrança ... ..	115
Cançãozinha ... ..	116
A B C ... ..	117
Canção inocente ... ..	118
Pecado original ... ..	120
<i>Nos teus olhos, aos poucos, vou achando</i> ... ..	122
Ideal burguês ... ..	123
<i>Beijo a rosa brava</i> ... ..	125
Pureza ... ..	127
<b>CORAÇÃO ATENTO</b> ... ..	129
Enfermeira ... ..	131
Cantilena ... ..	133
Pão nosso de cada dia ... ..	134
Cemitério ... ..	136
Desenho ... ..	137
Maternidade ... ..	139
Hora vermelha ... ..	141
Epitáfio ... ..	144
<i>Hoje não cantas, Mar! nem gritas: murmuras docemente</i> ... ..	146
Pecado ... ..	147
Hospital ... ..	149
Naufrágio ... ..	151
Moça jeitosa do Minho ... ..	153
Bucólica ... ..	155
<b>MARÉ ALTA</b> ... ..	157
Soneto de António ... ..	159
Lenda das sete chaves ... ..	161
Cristo ... ..	153
Hoje Deus é verdade ... ..	165
Tentação ... ..	167
Parábola da ovelha ... ..	169
Maré alta ... ..	171



*de 1*  
5.0876

Este livro, foi realizado pela Ática Limitada,  
Rua Alexandre Herculano, 17-A, Lisboa. Aca-  
bou de se imprimir durante o mês de Outubro  
de 1959, nas Oficinas Gráficas da Editorial  
Império, Limitada, Rua do Salitre, 151-155





